

Comunicação e valores indígenas: apontamentos a partir da análise de trechos do podcast Kunhantã¹

Nivaldo Ferraz²

Universidade Federal de Roraima – UFRR

Resumo

O artigo pretendeu dimensionar um conceito próprio de comunicação indígena, buscando em seguida unir o conceito de cartografia em Rolnik (2011) a elementos da experiência de vida de indígenas no estado de Roraima, a criar sinais cartográficos em busca de valores expressos em um episódio do podcast Kunhantã, da indígena jornalista Adriã Galvão. A estratégia destinou-se a encontrar respostas relacionadas tanto a questões dos desafios da comunicação indígena, quanto a valores indígenas em Roraima.

Palavra-chave: demarcação; cartografia; micropolíticas; saberes indígenas

Introdução

Se estamos “em guerra” (os brancos contra os indígenas) no Brasil há 525 anos, como fala Ailton Krenak (Guerras do Brasil.doc, 2019, Episódio 1)³, é de se esperar que essa guerra se exiba também nas mídias. É visível que as armas desse confronto no âmbito da Comunicação Social sejam, do lado da classe dominante capitalística (Guattari, 1996) composta por apoiadores do agronegócio predatório de terras indígenas, incentivadores da ilegal exploração de minérios em áreas preservadas, desenvolvimentistas apáticos diante de madeireiros desmatando ilegalmente biomas protegidos, componentes da classe dominante a bancar pautas, campanhas e espetáculos em segmentos de conglomerados da mídia tradicional e digital, como emissoras de rádio, de TV, portais de informação e corporativos, além de uma considerável conta de políticos defensores do desenvolvimentismo energético a disseminar uma guerra cultural em atuação política e redes sociais contra os direitos de preservação do meio ambiente, sob um falacioso discurso de “exploração sustentável”.

Do lado indígena, habitantes representantes de seculares culturas que demonstram como cuidar das florestas, que lutam pela demarcação de suas terras, em

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Comunicação, professor visitante do PPGCOM da Universidade Federal de Roraima. E-mail: ferraznivaldo@gmail.com.

³ O Episódio 1 de Guerras do Brasil.doc é sobre a invasão do território pelos europeus, os povos que encontraram e as matanças de indígenas e dos biomas.

desigualdade contra atentados de grileiros, fazendeiros, garimpeiros. Lutam por manter vivas tradições culturais identitárias, com acesso à tecnologia digital para se “armar” com seu discurso de demarcação e ocupação do espaço social a que possuem direito, clamando suas questões em micropolíticas (Guattari; Rolnik, 1996) expressas em redes sociais. É nesta segunda representação de discurso identitário que se estabelecem os estudos de comunicação indígena e de valores indígenas.

Este artigo se dedica a discutir estudos sobre comunicação indígena, além de expandir o conceito de cartografia (Rolnik, 2011) para abstrair sinais cartográficos a serem aplicados a uma análise de trechos de um episódio do podcast Kunhantã, da indígena jornalista Adriã Galvão, sobre a experiência de indígenas em Roraima, como forma de filtrar alguns valores indígenas.

Por meio de uma metodologia que se esclarece no próximo segmento, tenta-se chegar a hipóteses para dois problemas, relacionados aos principais desafios da comunicação indígena e a valores indígenas que se extrai da luta desses povos no estado de Roraima, apresentados no podcast Kunhantã.

Tentamos tratar da observação de estratégias comunicacionais indígenas, suas dificuldades e valores, na luta declarada contra um sistema capitalístico (Guattari; Rolnik, 1996) que os sufoca desde 1500. Embora a luta em territórios siga sendo com artefatos de pólvora e arco e flecha, como há 525 anos, as armas que analisamos estão em um único lado desta “guerra”, na comunicação por vias digitais, no caso o estudo do podcast indígena Kunhantã, como enfrentamento a um discurso hegemônico aplicado em meios tradicionais e digitais que defende a destruição do meio ambiente amazônico e de qualquer indígena que se opuser ao “desenvolvimento”.

Metodologia

Este artigo se constrói sob as bases da pesquisa qualitativa; aplicada quanto à natureza; e exploratória quanto a objetivos, quando existe “(a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão” (Gerhardt; Silveira, 2009 apud Gil, 2007, p.35). Desta forma, em síntese de Gil (2007), temos aqui uma pesquisa bibliográfica e estudo de caso.

As questões que se nos apresentam neste trabalho são duas: 1) Quais são os principais desafios da comunicação indígena? 2) Quais são os valores indígenas que se pode extrair da comunicação indígena?

A metodologia adotada neste artigo para responder às questões considera como ponto de partida uma revisão bibliográfica a sintetizar um conceito próprio de comunicação indígena, a partir de ideias de Aguiar (2022); Santi e Araújo (2022) e Quintero (2023). A revisão também passa pelos conceitos de podcast de entrevista (Viana; Chagas, 2021); (Trinca; Figueiredo, 2022); e da entrevista como formato jornalístico (Ferraretto, 2014; Lage, 2008) que caracteriza o podcast indígena Kunhantã. Passaremos ainda pelo conceito de perfil no jornalismo (Villas-Boas, 2003), técnica empregada em entrevistas no caso do podcast analisado.

Para nos aproximarmos dos problemas apresentados, buscamos respostas por meio de análise do diálogo entre a apresentadora Adriã Galvão e a coordenadora do CIR (Conselho Indígena de Roraima), Márcia Wapichana, ocorrido no episódio do podcast Kunhantã “Escrevendo nossas Histórias: Márcia Wapichana”, lançado no Spotify em 14 de agosto de 2023. Essa escolha se dá porque o episódio sintetiza tanto a questão da comunicação indígena, pois a entrevistada é a coordenadora de comunicação de uma das mais antigas instituições de defesa dos direitos indígenas da Amazônia, CIR (Conselho Indígena de Roraima), quanto demonstra na conversa entre entrevistadora e entrevistada possibilidades de valores indígenas.

A busca de valores sociais a partir de análise de podcast encontra em Gambaro; Ferraz (2022, p. 9) uma proposta metodológica que necessita de adaptação tanto ao princípio de podcast de entrevista, quanto ao conteúdo de comunicação indígena. Assim, o caminho que se constrói em busca de valores indígenas necessita de uma aproximação ao nosso próprio conceito de comunicação indígena, no que ele toca a cartografia de Rolnik (2011) e a micropolítica de Cusicanqui (2018), baseada em Guattari (1996), a construir espaços fora do Estado para não reproduzir modos de subjetivação dominante. A partir desse extrato, conseguimos estabelecer sinais cartográficos de mundos que se refazem (Rolnik, 2011), e observá-los à luz dos relatos de experiências da entrevistadora e da entrevistada, expressos no podcast Kunhantã. Esses sinais cartográficos são o compartilhamento de experiências no enfrentamento da intolerância aos indígenas; os relatos sobre o encontro da identidade e quais lutas adotar; e a “demarcação” do saber indígena nos espaços sociais.

Com apoio de uma entrevista qualitativa semiestruturada (Manzini, 2004) feita com a criadora, produtora, apresentadora e editora do podcast Kunhantã, Adriã

Galvão, é possível encontrar outros valores indígenas envolvidos em discussões sociopolíticas sobre o que se é.

Comunicação indígena e etnocomunicação

Um recorte possível sobre estudos de comunicação indígena e etnocomunicação, centra em dois deles ligados ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Roraima e um deles ligado à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). A escolha de estudos da UFRR se justifica pela própria origem de nosso objeto de estudo, que é o podcast Kunhantã (2022-2023), gestado pela jornalista indígena Adriã Galvão, como um Projeto de Extensão do “grupo de pesquisa Comunicadores Indígenas e Territorialidade Amazônica, da Universidade Federal de Roraima (UFRR)” (Galvão; Aguiar, 2024, p.371), para o curso de Jornalismo da UFRR, de onde ela é egressa.

Vilso Jr. Santi e Bryan Chrystian Araújo (2022), se apoiam em Armand Mattelart (1978) a respeito das relações entre o capitalismo e o poder da mídia nas sociedades contemporâneas para denominar a comunicação indígena como etnocomunicação e “denunciar o controle geopolítico das classes dominantes sobre meios de comunicação no mundo” (p.5), afirmando que o Movimento dos Povos Indígenas reage à “opressão e ao genocídio da sociedade nacional dominante.” (p.5).

Já Lisiane Aguiar (2022) estabelece bases na teoria de micropolítica de Félix Guattari com Suely Rolnik (1996), segundo a qual devemos analisar “como reproduzimos (ou não reproduzimos) os modos de subjetivação dominantes” (p.121), sendo que quando Guattari fala em “subjetivação” está falando de ideologia (p.21). Sem usar a expressão etnocomunicação como expressão de comunicadores indígenas, Aguiar (2022) transita também por Cusicanqui (2018), que se aproxima de Guattari e Rolnik (1996) ao defender que “la micropolítica es un escapar permanente a los mecanismos de la política. Es constituir espacios por fuera del Estado, mantener en ellos un modo de vida alternativo, en acción.” (Cusicanqui apud Aguiar, 2022, p.377).

Outro estudo sobre etnocomunicação, feito por Dina Tatiana Quintero (2023), da Universidad Federal de Pernambuco (UFPE), se baseia em Vilso Jr. Santi e Bryan Chrystian Araújo (2022), mas parte do princípio de comunicação comunitária de Cicília Peruzzo (2008), como ferramenta de luta na reivindicação de direitos, e “entendendo a importância da autonomia de falar em sua língua, de poder representar

o mundo em nome próprio, à sua medida e à sua imagem e não representadas a partir da ideia do colonizador.” (p.1)

Escolhemos usar a expressão comunicação indígena, por ser assim usada pelas indígenas na entrevista do podcast Kunhantã. Para nós a comunicação indígena seria uma convergência dos conceitos apresentados, partindo dos “princípios da comunicação libertadora que tem como norte a ampliação da cidadania” (Peruzzo, 2007, p.69), buscando em sua prática micropolítica (Guattari; Rolnik, 1996) formas de abrir brechas nas estruturas do Estado e do capital (Cusicanqui, 2018), como reação à “opressão e ao genocídio [aplicado aos povos indígenas] da sociedade nacional dominante” (Santi; Araújo, 2022, p. 5), e como reterritorialização do “saber e da experiência de forma ética, estética e política.” (Aguiar, 2022, p.373)

O podcast de entrevista Kunhantã

Adriã Galvão e Lisiane Aguiar (2024) demonstram que o “nome Kunhantã deriva da palavra tupi-guarani ‘cunhantã’, que significa “mulher forte” (p. 371).

Na apresentação do podcast no Spotify, ele é definido como “uma ferramenta de resistência identitária que narra vivências de mulheres indígenas no estado de Roraima. A cada episódio uma mulher é convidada para um bate-papo com a jornalista Adriã Galvão Silva” (Silva, s/d). Portanto é um podcast identitário, destinado às questões de mulheres indígenas. O podcast possui quinze episódios de cerca de 56 minutos cada um, postados na plataforma Spotify. Três deles foram gravados no estúdio de Rádio e TV da Universidade Federal de Roraima, e outros doze apresentados ao vivo na Rádio Universitária FM 95,9, da Universidade Federal de Roraima, e gravados, para posterior postagem no Spotify em formato de podcast (Galvão, 2025)⁴, entre 26 de novembro de 2022 e 14 de agosto de 2023.

A bibliografia acadêmica sobre podcasting brasileiro de entrevista aponta para dois principais mapeamentos. Viana e Chagas (2021) afirmam que o podcast de entrevista é realizado “pelo/a host do podcast com direcionamento de perguntas a um ou mais convidados com a finalidade de entender sobre um assunto específico.” (p.11). Para Mayra Deltreggia Trinca e Simone Pallone de Figueiredo (2022) está inserido na categoria dos podcasts “conversados”, em que “o programa é um diálogo entre duas ou mais pessoas” e na subcategoria “entrevista” em que “o centro do diálogo está na

⁴ Entrevistas da produtora e apresentadora do podcast Kunhantã, Adriã Galvão, concedida ao autor em 24/04/2025 e 05/05/2025.

pessoa entrevistada, os assuntos podem ser diversos, mas a formação/história de vida dessa pessoa é essencial para o andamento do episódio.” (p.5).

Entre os tipos de entrevista relatadas na bibliografia encontrada, a praticada pelo podcast Kunhantã é “em profundidade”, em que “o objetivo da entrevista [...] (é) a figura do entrevistado, a representação de mundo que ele constrói, uma atividade que desenvolve ou um viés de sua maneira de ser” (Lage, 2008, p.74).

A entrevista que Adriã Galvão faz com suas convidadas formula um ligeiro perfil delas, em que “os perfis podem focalizar apenas alguns momentos da vida da pessoa.” (Villas-Boas, 2003, p.13). A forma de apresentar de Adriã Galvão é de interação muito próxima com as entrevistadas, de maneira a se posicionar também.

Sinais cartográficos para a leitura de Kunhantã

A cartografia como a identificação daquilo que “se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornam-se obsoletos” (Rolnik, 2011, p.23) é aplicada na construção dos sinais cartográficos encontrados em Kunhantã, por ser a estratégia capaz de desvendar valores indígenas que retomam antigas culturas por um lado, e por outro dão significado às modificações dos destinos das vidas de indivíduos pertencentes aos povos indígenas. A aplicação do conceito acima no conteúdo do episódio analisado chegou aos três sinais cartográficos já apontados na Metodologia e que media a escolha de trechos do episódio “Escrevendo nossas Histórias: Márcia Wapichana”:

TRECHO 1

Márcia Wapichana (MW) [...] consegui entrar na Universidade Federal de Roraima, né? Pelo processo seletivo indígena. Fiquei 4 anos na universidade. [...] E consegui me formar e também realizar o meu sonho. E dentro da Universidade Federal, eu descobri que o processo seletivo indígena era uma luta das lideranças, era um espaço que foi a luta das lideranças. [...] eu disse, não, quando eu terminar meus estudos, eu quero voltar de alguma forma para contribuir para as comunidades indígenas, para o meu povo, né? Eu me formei em 2019 e seguí atuando nas comunidades indígenas. Pelo Conselho Indígena de Roraima, onde eu estou lá até hoje. [...]

Trecho do episódio Escrevendo nossas Histórias: Márcia Wapichana do Podcast Kunhantã. De 4’23” a 5’27”

Neste trecho, Márcia Wapichana compartilha o reforço de sua identidade na luta pelos povos indígenas com a ferramenta da comunicação, sinal cartográfico sobre o encontro da identidade e quais lutas adotar. Para além de uma conquista pessoal,

própria da “vitória individual” defendida pelo liberalismo, trata-se de resolver o que fazer na vida profissional como esforço para benefício coletivo.

TRECHO 2

Adriã Galvão (AG) [...] E aí eu cheguei na comunicação [no curso de Jornalismo da UFRR] e não me vi. Não conseguia me enxergar nos espaços de comunicação. Quando eu conheci a comunicação indígena, eu falei, opa, achei uma identificação, algo que eu possa fazer, algo que eu possa contribuir. Então a comunicação indígena é muito coletiva. Ela é muito dessa escuta das lideranças, dessa escuta de outras pessoas que fazem parte de um conselho e fazem as deliberações. [...]

Trecho do episódio Escrevendo nossas Histórias: Márcia Wapichana do Podcast Kunhantã. De 13'25" a 14'01"

No trecho acima, a apresentadora Adriã Galvão compartilha com entrevistada e ouvintes o sinal cartográfico sobre a sua experiência de encontro da identidade e quais lutas adotar. Mesma postura de encontrar um lugar de atuação pelo bem coletivo.

TRECHO 3

(MW) [...] Não posso nem usar uma roupa que identifique que eu sou indígena, de onde é que eu sou, eu estou correndo risco, isso não deveria acontecer. Mas enfim, acontece muito. Eu digo assim, um exemplo, quando eu fui lá com o pessoal do CIR para o Seminário Estadual de Mulheres Indígenas lá no Caracaranã, eu perguntei pros meninos, ah, o carro, vocês vão meio disfarçados, o carro não é identificado. Ele falou assim, olha, a gente não identifica carro porque é muito perigoso para a gente. No meio do caminho tem muita gente que fica de olho. Fica muito de tocaia. Falei, mano, as pessoas não conseguem fazer o seu próprio trabalho. Não conseguem. A gente está se locomovendo de um lugar para o outro. E eu já vi...uma das questões que eu fui acompanhar com a liderança, eu já vi liderança ameaçada com arma de fazendeiro, já presenciei. Nossa, eu não acreditei naquilo, então tudo isso a gente passa nas comunidades indígenas. Não sei se as pessoas sabem disso [...]

Trecho do episódio Escrevendo nossas Histórias: Márcia Wapichana do Podcast Kunhantã. De 51'53" a 52'51"

Acima, Márcia Wapichana compartilha sua experiência no enfrentamento da intolerância aos indígenas, outro sinal cartográfico que identificamos. Uma discussão necessariamente profunda sobre o racismo estrutural brasileiro não cabe neste espaço.

TRECHO 4

(AG) [...] É do processo de demarcação do saber. [...] A gente precisa estar demarcando esses espaços dentro da Universidade, a gente também precisa quebrar essa barreira que existe [entre] saber tradicional e existe ciência. Existe ciência indígena e existe ciência não indígena. Então, entenda que a gente tá aqui com o mesmo poder de entendimento de saber, e é com a partilha desse saber que nós vamos entrar na Universidade, no campo da Comunicação e nós vamos agir epistemologicamente, ontologicamente, para que haja um processo de mudança, e fazer uma suspensão de um discurso de epistemicídio, de memoricídio sobre os

corpos indígenas que estão dentro das universidades públicas, especialmente fazendo comunicação, porque é muito fraco o número de pesquisadores na área da comunicação. Eu ouço os parentes: “Adriã, vai, vai, vai, a gente é pouco, você tem que ir a gente tem que ser mais. Por isso que eu insisto com minhas parentas, “não desista! vá”. Nós precisamos ocupar esses espaços porque em algum momento num futuro não muito longe, seremos nós nesses espaços, dando aula, ensinando de uma outra forma que nunca foi falada, não melhor nem pior, diferente, respeitosa, ética e a partir de uma perspectiva indígena que o branco não tem, mas eu tenho...e falando de nós pra nós...acima de tudo de nós pra nós...então estar nesse espaço é demarcar o saber indígena, é demarcar a comunicação indígena, é dizer a gente tá aqui produzindo conhecimento, produzindo saber a partir da nossa existência, da nossa vivência, da nossa ancestralidade, [...] independente de onde nós estejamos, porque nós somos corpos sensórios, e nós vamos estar com nossos sensórios independente se o espaço físico, ou virtual. E é isso.

Trecho da entrevista de Adriã Galvão concedida ao autor em 05.mai.2025 De 28’06” a 5’27”

Na expressão de Adriã Galvão encontra-se outro sinal cartográfico: a luta por uma “demarcação” do saber indígena em espaço social, aqui centralizado na instituição Universidade. A “demarcação” como expressão indígena é apropriada por esses povos a partir das propostas não indígenas de determinar terras aos povos. Passam a usar “demarcação” como ocupação de espaço social, um valor indígena não apenas simbólico, mas essencial para a sobrevivência dos povos.

Considerações finais

Em momentos do episódio analisado do podcast Kunhantã, apresentaram-se como respostas aos desafios da comunicação indígena: 1) a falta de reconhecimento dos meios de comunicação mais visíveis de que as fontes originais são indígenas, ouvido em **MW**, de 18’35”: “A gente, claro, agradece por essas mídias divulgarem mais das denúncias, principalmente de invasão dos territórios, das pautas indígenas...por exemplo, acontece um evento, fulana está lá porque fez a cobertura da invasão do território do garimpo ilegal da terra indígena yanomami, que é o que está no momento. Mas não, eles não lembram, e de onde saíram essas denúncias? Da comunicação indígena.” a 18’58”; 2) controlar fluxos de informação conforme estratégias de lideranças indígenas, ouvido em **MW**, de 12’12” “por exemplo, quando a gente recebe uma denúncia, digamos assim, no jornalismo hegemônico, a gente tem que dar todas as informações. Mas quando chega na comunicação indígena, temos estratégias, porque a gente não pode entregar tudo o que está acontecendo. [...] Se alguém lê, por exemplo, uma matéria, vai dizer, está faltando uma informação. Não, não está. É a nossa forma de comunicar.” a 12’39”; 3) na comunicação por podcast, a dificuldade

foi o alcance desse formato tecnológico ao público-alvo, chegando com menos eficiência às comunidades indígenas do Estado do que a transmissão radiofônica, ouvido em: **AG**, de “4’42” “Então, o objetivo principal, de eu ter mudado, do Spotify, sair de um streaming pra Rádio (Universitária FM, 95,5) foi exatamente esse, porque meu público não tava me ouvindo. O público do Spotify é uma galera mais de professores, são colegas de turma, de trabalho, mas de fato meus parentes, era muito através do rádio mesmo.” a 5’11”, como informou a produtora do podcast, indígena jornalista Adriã Galvão, em entrevista ao autor, em 05 de maio de 2025. Quando uma pessoa indígena utiliza a expressão “parentes”, quer se referir a pessoa de comunidade indígena, como forma de “expressar afetos contemporâneos”, Rolnik (2011, p.23).

A partir dos sinais cartográficos identificados no podcast, se extraem alguns valores indígenas: a) compartilhamento de experiências tanto como estratégia de proteção aos ataques de intolerância; b) quanto no reconhecimento mútuo e comunitário de como se dá o desmanchar de certos mundos e o consequente fazer de novos mundos; c) “descolonizar-se” para “reterritorializar-se” (Aguiar, 2022) por via de micropolíticas que dão sentido à vida e à luta por “demarcação” social.

Este artigo se esforça por alinhar-se – em seu limitado lugar de fala – ao clamor dos povos indígenas, por meio da comunicação social, em defesa da vida humana no planeta.

Referências

GALVÃO, A; AGUIAR, L. Micropolíticas de mulheres indígenas em contexto urbano: uma cartografia das epistemologias dos corpos-territórios por meio das experiências comunicacionais do Kunhantã. in BONIN, J.A.; ROSÁRIO, N.M. (orgs). **Construções transmetodológicas na pesquisa em comunicação**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024.

AGUIAR, L. ‘Descolonizar e reterritorializar’ as metodologias: micropolíticas críticas e problematização da experiência na investigação com comunicadores indígenas. In WOTTRICH, L; ROSÁRIO, N. M. (orgs). **Experiências metodológicas na comunicação**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. Doi: 10.31560/pimentacultural/2022.95514.18. p.372-390.

CUSICANQUI, S. R. **Un mundo ch’ixi es posible**. ensayos desde un presente en crisis. Buenos Aires: Tinta Limón, 2018.

GALVÃO, A. Definição do Kunhantã na descrição do podcast na plataforma Spotify. Disponível em <https://shre.ink/xPNa>. Acesso em 05.mai.2025.

GAMBARO, D; FERRAZ, N. Chaves metodológicas para o estudo e análise de podcasts em sua relação com a cultura pop. In: 45o Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação, 2022. **Anais do 45o Congresso Brasileiro de Ciências da**

- Comunicação** [...]. UFPB, João Pessoa: Intercom, 2022. Disponível em: <https://cutt.ly/iwgvhsjc>. Acesso em: 10 jun. 2023.
- GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (orgs). Métodos de Pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- GUERRAS DO BRASIL.DOC. Série de documentários sobre históricos conflitos no Brasil. Direção de Luiz Bolognesi. 2019.
- KUNHANTÃ. Podcast produzido e apresentado por Adriã Galvão. Disponível em <https://shre.ink/xPNa>
- LAGE, Nilson. A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 7ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- MATTELART, A. The nature of communications practice in a dependent society. **Latin American Perspectives**, v. 5, n. 1, p. 13-34, 1978.
- MESQUITA, Giovana Borges. Rádio Comunitária e povos indígenas: entraves e potencialidades para pluralidade de vozes. **Interritórios**. Revista de Educação. Universidad Federal de Pernambuco, Caruaru. V.4, n.7. p.76-88, 2018.
- PERUZZO, C. Rádio comunitária, educomunicação e desenvolvimento local. In: PAIVA, R.(org.) **O retorno da comunidade**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007, p. 69-94.
- QUINTERO, D. T. Etnocomunicação indígena: um audiovisual realizado de forma “perspectivada”? Anais Intercom-Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – PUC Minas**. 2023. Disponível em <https://shre.ink/xPVz>. Acesso em 31.mai.2025
- ROLNIK, R. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.
- SANTI, V. J.; ARAÚJO, B. C. Representações do Movimento dos Povos Indígenas na etnomídia roraimense. **Intercom, Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 45, e2022123, 2022. doi: <https://doi.org/10.1590/1809-58442022123pt>.
- TRINCA, M. D.; FIGUEIREDO, S. P. de. Formatos em podcasts: uma proposta de classificação baseada em estruturas. **Anais do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Sociedade Brasileira de Estudos interdisciplinares da Comunicação (Intercom) – Universidade Federal da Paraíba (UFPB), 2022.
- VIANA, L.; CHAGAS, L. J. V. Categorização de podcast no Brasil: uma proposta baseada em eixos estruturais a partir de um panorama histórico. **Anais do XIII Encontro Nacional da História da Mídia**. Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (Rede Alcar), 2021.
- VIANA, Nildo. **Os valores na sociedade moderna**. Brasília: Thesaurus, 2007.
- VILLAS-BOAS, S. **Perfis e como escrevê-los**. 2.ed. São Paulo: Summus Editorial, 2003.